VIAGEM PELA LITERATURA… E PELOS ESPAÇOS DO MUNDO (IR)REAL

TURISMO LITERÁRIO: BREVE REFLEXÃO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA BASEADA NA OBRA *O CÓNEGO*, DE A. M. PIRES CABRAL

ALEXANDRA NEVES

Docente no Instituto Superior da Maia
CEDTUR – Centro de Estudos de Desenvolvimento Turístico
Doutoranda em Linguística e Tradução na Universidade de Vigo

Desde crianças que viajamos com a literatura.

Ainda muito jovens, viajamos na imaginação das histórias infantis, contadas por pais e avós, e descritas e ilustradas em livros coloridos que nos levam por terras distantes, montes verdejantes e castelos maravilhosos. Na nossa imaginação infantil, viajamos até países longínquos, onde vivem pessoas mágicas e animais encantados; caminhamos por florestas onde passam príncipes montados nos seus cavalos; passeamos nas margens de rios onde conhecemos animais que falam; visitamos imponentes castelos onde vivem reis, rainhas e cavaleiros. Simplesmente, viajamos… por lugares da nossa imaginação.

Mais tarde, os professores acompanham-nos a casas, museus e fundações – espaços reais que nos contam a História da vida e obra dos escritores famosos, cujos textos lemos na escola. E durante toda a vida, com maior ou menor frequência, lá vamos visitando feiras do livro, exposições, festivais literários ou outros locais que nos lembram histórias e autores, cujos textos lemos ou ouvimos falar. E assim viajamos, para mais ou menos longe, e vamos conhecendo outras terras e outras gentes, bem como o seu/nosso património. Assim vamos fazendo turismo, que é, na realidade, turismo literário.

O turismo literário, turismo cultural directamente associado à visita de locais reconhecidos pela sua relação com obras literárias e/ou autores, tem vindo a ocupar um espaço cada vez mais relevante no universo do turismo, encontrando-se neste momento em grande expansão, quer em Portugal quer noutros países.

Conforme se pode ler na revista electrónica *Obvious*[1] "*O que era há pouco tempo uma aventura confinada a intelectuais, amantes radicais da literatura ou passeantes, tem-se tornado um novo ramo do turismo em todo o mundo, o turismo literário*."

Cada vez mais o indivíduo procura lugares de literatura: casas, museus, feiras do livro, exposições e festivais literários. Cada vez mais as localidades promovem eventos culturais e literários que divulgam o seu património. Mas também cada

[1] *In* http://obviousmag.org/archives/2009/01/destinos_literarios.html

vez mais o leitor procura os lugares da literatura, isto é, os lugares do mundo real que lêem nas histórias da literatura de ficção.

Em busca da cidade real, a partir da ficção: *Rummidge* ou *Birmingham*?

Há uma cidade real que, provavelmente para surpresa da maior parte das pessoas, sempre me fascinou – ou melhor, sempre me fascinou desde que eu li *Nice Work*, do autor britânico David Lodge. Essa cidade é *Birmingham*.

Birmingham, segunda maior cidade inglesa, é carinhosamente designada pelos seus habitantes por *Brum*. Ironicamente, aparece referida num *website* de uma companhia aérea, a *DH Airlines*, como uma das cidades onde esta empresa tem mais clientes, simplesmente porque existe um grande número de pessoas que deseja de lá sair! No *website* pode ler-se o seguinte: *"Birmingham has always been a destination with* DH Airlines *because so many people want to travel away from it."*[2]

Na verdade, esta cidade não é especialmente conhecida pelos seus históricos monumentos ou envolventes paisagens, mas sim por ser uma cidade fundamentalmente industrial, repleta de fábricas, transportes e poluição, e, claro, pelo *Aston Villa Football Club.* No entanto, para mim, e quiçá para muitas outras pessoas no planeta, Birmingham tem um encanto especial. De facto, *Birmingham* é a cidade do meu livro preferido, *Nice Work*, de David Lodge – publicado em português pela editora Gradiva sob o título *Um Almoço nunca é de Graça* –, apesar de o autor desenvolver a narrativa na cidade fictícia de nome *Rummidge*, como se pode ler no excerto abaixo:

> "Perhaps I should explain, for the benefit of readers who have not been here before, that Rummidge is an imaginary city, with imaginary universities and imaginary factories, inhabited by imaginary people, which occupies, for the purposes of fiction, the space where Birmingham is to be found on maps of the so-called real world." (Lodge, 1989: 7)

Assim, na realidade, *Rummidge* poderia muito bem ser *Birmingham*, com a sua universidade *redbrick* (de construção em tijolo) rodeada de amplos jardins e reconhecida pela sua torre do relógio, bem como com as suas indústrias, as suas ruas repletas de estabelecimentos comerciais e povoada de uma população multicultural e intercultural.

De facto, a minha primeira visita a *Birmingham* foi uma deliciosa redescoberta da cidade de *Rummidge*, que tanto me fizera sonhar nas páginas de *Nice Work* pela mão do seu autor. A minha visita a *Brum* foi uma viagem de turismo literário, não só de procura dos lugares do autor, professor jubilado da Universidade de *Birmingham* e residente na mesma cidade, mas principalmente de digressão pelas ruas da cidade e de exploração de locais lidos num texto, que procurei encontrar na realidade.

---

[2] http://www.georgewood.clara.net/dh/dhdestinations.htm

Ao passar pelos espaços de *Birmigham* percorri a zona industrial de *Rummidge*, onde *Victor Wilcox* e outras personagens trabalham, passeei nos jardins da universidade onde lecciona *Robyn Penrose*, visitei o departamento de Inglês, onde se movem outras figuras da narrativa. Ao passar pelos espaços de *Birmingham* vivi um pouco a história de *Nice Work* e conheci uma cidade fantástica, que talvez de outra forma não tivesse conhecido.

Turismo cultural *versus* turismo literário

Tal como eu, muitos leitores têm contribuído para o desenvolvimento deste ramo do turismo cultural que é o turismo literário. O mesmo acontece com os autores.

Um dos autores que mais recentemente veio contribuir este fenómeno é Dan Brown. O seu *Código Da Vinci* tem induzido inúmeros turistas a visitar Paris e Londres, na senda de encontrar os lugares e monumentos por onde passaram os protagonistas, bem como as obras de arte de que se fala. *Anjos e Demónios*, por seu turno, tem motivado incontáveis viagens a Roma.

Quer a internet quer o mercado livreiro têm vindo a acompanhar esta circunstância, podendo o turista encontrar variadas fontes de colaboração na sua procura dos locais literários. A página *web Sacred Destinations*[3], onde encontramos, entre outras, propostas de visita às cidades dos livros de Dan Brown, bem como o livro *Walking the Da Vinci Code in Paris*, de Peter Caine, são disso exemplos.

Mas os destinos literários são imensos, por todo o mundo. Existem inúmeras agências no mercado virtual e no mercado real que se dedicam a proporcionar visitas aos locais da literatura. A título de exemplificação, cito os casos de Londres e da Roménia: em Londres sobejam agências que promovem visitas aos locais da saga de *Harry Potter*; na Roménia não faltam empresas que nos levam ao castelo do Drácula, de Bram Stoker, na Transilvânia. Porém, por todo o mundo proliferam as agências especializadas em turismo literário.

Embora a uma menor escala do que acontece em Itália, França ou Reino Unido, Portugal tem já também o seu nicho de turistas literários, bem como de entidades que divulgam e promovem estas viagens. No nosso país, contudo, a maior parte destas entidades são instituições dedicadas à literatura ou organismos estatais e municipais que desejam a divulgação do seu património cultural.

"Viajar com... Os Caminhos da Literatura"[4] é um projecto editorial da Direcção Regional de Cultura do Norte, com sede em Vila Real que nos oferece uma vasta informação sobre as obras e os autores portugueses. Na sua página, à data da publicação desta reflexão, podemos encontrar roteiros turísticos referentes a Aquilino Ribeiro, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Ferreira de Castro,

---

[3] http://www.sacred-destinations.com/sacred-sites/da-vinci-code.htm

[4] http://www.viajarcom.org

Guerra Junqueiro, João de Araújo Correia, José Régio, Miguel Torga, Teixeira de Pascoaes e Trindade Coelho.

A Fundação de Eça de Queiroz propõe variados percursos baseados na obra deste mestre da literatura. Com o mesmo presenteia-nos também a Câmara Municipal de Resende, a Câmara Municipal de Sintra e a Confraria Queirosiana, entre outras entidades. Em geral, todos os organismos municipais sugerem visitas ao património literário, cultural, histórico e ambiental do seu município, e quer obras quer autores são objecto de peregrinação a variados locais.

À procura de Vilarinho dos Castelhanos, a partir de *O Cónego*, de A. M. Pires Cabral

Alvites, uma pequena aldeia do nordeste transmontano, não aparece mencionada em nenhum dos sítios acima referidos, porém foi o local que me estimulou a uma jornada na procura de Vilarinho dos Castelhanos, após a leitura do livro *O Cónego* da autoria de A. M. Pires Cabral.

António Manuel Pires Cabral, escritor contemporâneo português, licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra, é professor e escritor de vários géneros literários, nomeadamente de poesia, contos, peças de teatro, textos de viagens, antologias temáticas e romances. Residente em Vila Real, é colaborador no Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Vila Real e em todas as suas obras revela ao leitor a sua terra, Trás-os-Montes, bem como a sua realidade rural e o seu vasto património cultural.

Em entrevista a Gil Silva[5] afirmou: *"Naturalmente que me considero um cidadão do mundo, e da Europa, e de Portugal; mas acima de tudo um cidadão de Trás-os-Montes."*.

Pires Cabral tem sido ao longo da sua carreira galardoado com numerosos prémios. No que se refere a prémios literários, destacam-se, entre outros: o Prémio Círculo de Leitores, em 1983, pelo seu romance *Sancirilo*; o Prémio D. Dinis, em 2005, pela Fundação Casa de Mateus para as suas obras poéticas *Douro – Pizzicato e chula* e *Que comboio é este* –;[6] o Grande Prémio da Literatura DST, em 2008, pelo seu livro *O Cónego*; e o mais recente, o Prémio de Poesia Luís Miguel Nava 2009, pela sua obra *As Têmporas da Cinza*. No que respeita a Medalhas de Mérito, o escritor recebeu, entre outras: a Medalha de Protecção do Património do Concelho de Vila Real pela Região de Turismo da Serra do Marão, em 1982; a Medalha de Prata do Concelho pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, em 1984; a Medalha de Prata de Mérito Municipal pela Câmara Municipal de Vila

---

5 in http://www.trasosmontes.com/eitofora/numero12/questionario.html

6 Este prémio foi entregue a António Manuel Pires Cabral pelo Exmo. Senhor Presidente da República, Prof. Doutor Jorge Sampaio. O discurso de entrega do prémio está disponível na página da Presidência, nomeadamente em http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=1449

Real, em 1989; a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura, em 2003; e a Medalha de Ouro da Cidade pela Câmara Municipal de Vila Real, em 2006.

O Cónego, *"um romance compósito, por vezes com laivos de policial, outras vezes de picaresco, ora comovente, ora divertido."*[7], e merecedor do Grande Prémio da Literatura DST de 2008, foi, como referi, o livro do autor que me levou a procurar uma aldeia remota em Trás-os-Montes, de seu nome Alvites. Conta a seguinte história:

> "Um jovem padre começa a sua vida a paroquiar uma pequena aldeia no nordeste trasmontano, onde está ainda muito viva a memória de um certo Cónego – espécie de figura tutelar e personagem controversa, que logo atrai a sua curiosidade: anjo ou demónio? Apostado em reconstituir a figura do Cónego, recolhe, na sua busca da verdade, os testemunhos mais desencontrados, entre os quais procura penosamente abrir caminho."[8]

Tendo eu ouvido dizer, embora sem garantias de veracidade, que os espaços de *O Cónego* eram inspirados na terra natal da sua mãe, Alvites[9], parti na procura do local que me fizera sonhar com uma pequena aldeia transmontana, dotada de dois belos solares e uma igreja ao estilo românico, entre outras construções, a qual é designada na obra por Vilarinho dos Castelhanos. A placa que me indicou o caminho sugeriu desde logo que talvez a suposição fosse verídica, pois mostrava o símbolo de património histórico ao lado do topónimo.

Alvites[10] está localizada a cerca de 18 km de Mirandela, uma das cidades transmontanas mais conhecidas, em muito graças ao seu património gastronómico – a alheira de Mirandela. É uma aldeia que, segundo dados do INE de 2001[11], terá 282 habitantes; contudo, segundo Sandra Canteiro, no seu artigo publicado no *Semanário Regional de Informação Nordeste* em 13 de Novembro de 2007, a população de Alvites ronda apenas os 120 habitantes.

De acordo com a segunda fonte, esta aldeia terá sido constituída entre o século X e XIII, por Foral de Julião Gonçalves, juiz de Panóias, a consentimento de D. Afonso III, em Junho de 1249. Terá sido fundada sobre um "villar" velho (ou um novo construído sobre um velho) por alguém com o nome de Alvito ou Alvites (nomes comuns na época).

A aproximação a Alvites oferece desde logo ao visitante uma magnífica vista dos seus dois solares (ver fig. 1), que todos nas imediações conhecem. O maior, o mais visível na foto, é conhecido por todos como "A Casa da Fidalga", informação que eu tive a oportunidade de recolher através do contacto com os habitantes da aldeia.

---

7 http://www.livroscotovia.pt/livros/ficcao_p/oconego.htm

8 *ibidem*

9 António Manuel Pires Cabral nasceu em Chacim, no concelho de Macedo de Cavaleiros, sendo os seus pais naturais de Peredo, Macedo de Cavaleiros (o pai) e Alvites, Mirandela (a mãe).

10 Página *web* da freguesia de Alvites: http://www.freguesiadealvites.com/index_ficheiros/Page434.htm

11 Os dados recolhidos remontam a 2001 e são os dados actualmente disponibilizados pela Câmara Municipal de Mirandela em http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=358

Fig. 1

Fig. 2

Ora uma das hipóteses que eu procurava confirmar era se Alvites poderia ser realmente o local descrito no romance de Pires Cabral, onde se menciona a existência de um solar onde vivia uma fidalga, personagem de seu nome D. Virgínia Botelho:

> "D. Virgínia Botelho, de quem já devia talvez ter falado por respeito à sua alta posição, era a fidalga (assim mesmo a tratavam as pessoas: "a Fidalga") da casa armoriada que me lembro de ter visto no próprio dia da minha chegada." (Pires Cabral, 2007: 115)

Visitando a casa mais de perto, pude verificar que se tratava de facto de uma casa armoriada, um solar brasonado de estilo barroco do século XVII (ver fig. 2).[12]

Também no romance se refere o seguinte:

> "O padre Agostinho já me tinha industriado sobre esta personagem essencial da vida da comunidade. Era viúva. Fora casada com um Doutor Alberto Bacelar, de Bouzende, seu primo afastado e, como ela, de estirpe nobre." (ibidem:115).

Será aqui muito interessante notar que este solar é na realidade designado por "Solar dos Bacelares" e está situado na Rua D. Miguel Bacelar, tendo sido o nome da Fidalga de que fala o povo da aldeia – D. Maria Isabel Bacelar –, casada com D. Miguel Bacelar.

O edifício situa-se numa propriedade de cerca de 250 ha, tendo uma área coberta de cerca de 1500 m^2 e compreende 5 casas, 9 quartos, 4 quartos de banho, 2 cozinhas, 3 salões, lagar de azeite, adega, celeiro e capela.[13] Uma espreitadela por uma das janelas desta casa permite vislumbrar um pouco do seu interior, que se encontra em obras de recuperação, mas que nos permite também saber que dentro da mesma se encontra ainda mobiliário antigo, quem sabe do século XVII[14] (ver fig. 3).

---

[12] As figuras apresentadas são fotografias tiradas pela autora deste trabalho, à excepção das figuras 1 e 6, constantes dos sites referenciados nas notas xiii e x, respectivamente.

[13] Cf. http://www.royalvillas.eu/details.aspx?pid=3

[14] Por ora, não me foi autorizada a entrada no solar pelo seu proprietário, que prometeu autorizar a visita à casa assim que esta esteja restaurada.

Fig. 3

Fig. 5

Fig. 4

A capela do "Solar dos Bacelares", revelou-se dotada de uma riqueza verdadeiramente inesperada, especialmente no que se refere ao seu altar, conforme se pode apreciar na imagem abaixo (ver fig. 4).

Na mesma obra aparece ainda a descrição de um segundo solar, de menor porte e sem brazão, que poderá ter sido inspirado no outro solar de facto existente na aldeia: o "Solar dos Barbosas" (ver fig. 5).

> "O pai de Francisco Benigno, descendente dos Ulloa de Villardeciervos, era senhor da segunda maior casa de Vilarinho dos Castelhanos. Um seu antepassado terminara a construção desta casa em 1763, segundo se lia numa padieira. É certo que não tinha pedra-de-armas no exterior, como a Casa do Prado, de dona Virgínia Botelho, que ficava aliás próxima e fora edificada pela mesma altura. (*ibidem*: 191)

> "A casa tinha proporções idênticas às da Casa do Prado e era, como essa, construída de granito nobre e bem aparelhado, e enfeitada com os requebros do séc. XVIII. Era especialmente graciosa a larga escadaria alpendrada que levava da rua à varanda do andar principal, com guardas de cantaria que terminavam, ao fundo, numa engenhosa voluta e com colunas também de cantaria que sustentavam o alpendre. Eram também graciosas as janelas, cujos aros floreavam ornatos muito caros ao barroco. (*ibidem*: 192)

Mas o romance menciona ainda outras construções, que eu procurei em Alvites e que me parecem dignas de referência, por exemplo uma igreja:

Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

"Do postigo via-se ainda parte da igreja, incluindo a torre com o seu campanário de frontão triangular e o seu relógio." (*ibidem* : 27)

"a frialdade do velho templo, todo ele de granito húmido, quase gotejante, atravessou-me como uma espada." (*ibidem*: 30)

Se observarmos a imagem que se segue (ver fig. 6), a igreja matriz de Alvites, em granito, com fronteira românica e uma bela rosácea, não ficaremos indiferentes às semelhanças entre ficção e realidade.

Ainda um postigo descrito no romance poderá ser talvez o postigo de uma casa que se encontra em frente à igreja, no largo da aldeia, e que realmente facilitará a visão acima apresentada a quem dela espreite: a casa paroquial. (ver fig. 7)

Na minha demanda por "Vilarinho dos Castelhanos", procurei ainda uma bica no largo da aldeia, pois no texto de Pires Cabral se relatava que *"[Patrocínia] desceu as escadas e, porque estava de facto muito calor, bebeu água, ostensiva e longamente na bica do largo."* (*ibidem:* 177).

E no centro do largo encontrei de facto uma bica, datada de 1938, e que é elemento exemplar de algumas obras de construção típicas do Estado Novo (ver fig. 8).

Não obstante o que tinha encontrado, o romance de Pires Cabral levou-me ainda mais longe: ao cemitério da aldeia; pois o descrito na obra, como pude constatar, é realmente muito semelhante ao desta aldeia.

"O cemitério era na verdade muito pequeno e muito pobre. Mausoléu propriamente dito, só havia um: o da família da Casa

> do Prado. Era uma pequena capela ao gosto gótico, embora a data de construção fosse 1877, segundo se lia numa ombreira da porta. Lá tinha no frontão, em tamanho mais pequeno, a mesma pedra-de-armas que se via na casa propriamente dita […] (*ibidem:* 140)

A capela que se mostra (ver fig. 9) é na verdade a capela mortuária da família da Fidalga que viveu na aldeia e que é ficcionada em D. Virgínia Botelho pelo autor do romance.

E a semelhança entre a ficção e a realidade não se fica por aqui. Veja-se a semelhança entre a descrição d'*O Cónego* e a fotografia abaixo (ver fig. 10).

Fig. 9

> "Numa posição intermédia entre esse mausoléu e e as três ou quatro dezenas de campas rasas, só avultava o branco do mármore numa dúzia de jazigos: um deles devia ser o do Cónego. E efectivamente era o que estava logo à direita do mausoléu. Num espaço cercado por uma gradezinha de ferro de cor prateada, em que abria uma cancela, havia quatro sepulturas. […]." (*ibidem*: 140*)*

Fig. 10

Se o Cónego da obra existiu na realidade, se a história que se narra é baseada em factos verídicos, se a vida das personagens foi semelhante à vida das personagens da obra... tudo isto pouco interessa, pelo menos no presente contexto e para a presente reflexão.

Se a "Casa do Prado" é ou não inspirada no "Solar dos Bacelares", o que me parece de facto muito plausível, também não é o mais relevante.

O mais importante é que foi este livro que me levou a procurar e encontrar elementos do nosso património há muito esquecidos no tempo e no espaço do solo Português.

O que realmente interessa é que foi esta história, este livro, esta ficção, que me levou a conhecer mais do nosso património cultural, histórico e ambiental. Foi uma história de ficção que me levou a procurar e encontrar mais cultura e mais História do nosso país.

E se eu tivesse parado em todas as aldeias referidas nas placas topográficas que vi no caminho? E se eu tivesse visitado todas as outras terras mencionadas na obra? E se eu tivesse procurado todos os lugares supostamente descritos nos romances que li?... Que teria eu encontrado mais?... Mais solares? Mais bicas? Mais capelas? Teria simplesmente, e de certeza, encontrado mais Património Português!

São muitos os destinos a que nos podem levar os livros. E viajar pelos lugares da literatura e sentir os lugares das histórias é sentir também a nossa História!

Referências:

CAINE, Peter (2006). *Walking the Da Vinci Code in Paris, Decoding the City and the Book*. New York: Avalon Travel Publishing.

CANTEIRO, Sandra (2007). "Alvites: A imponência perdida". *Nordeste – Semanário Regional de Informação*. Bragança. Ed. 13-11-2007.

LODGE, David (1989). *Nice Work*. London: Penguin Books.

PIRES CABRAL, A. M. (2007). *O Cónego*. Lisboa: Edições Cotovia.